

Cultura do trote universitário: desafios que permanecem

Marco Akerman¹, Silmara Conchão²

¹Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo (SP), Brasil.

²Centro Universitário Saúde ABC – Santo André (SP), Brasil.

RESUMO

Introdução: Trotes são provações aplicadas aos novatos que entram na Universidade como ritual de iniciação. Desde 2010, a pesquisa “bulindo com a universidade” estuda o trote no curso de Medicina. Este estudo revelou as relações hierárquicas e de poder existentes entre os estudantes. Seus resultados desencadearam medidas adotadas em uma faculdade paulista. **Relato:** O presente artigo analisa que mudanças foram produzidas após seis anos de intervenções na cultura do trote. Em 2015, 89 ingressantes fizeram uma narrativa a partir da pergunta: “o que você viu, viveu e sentiu relacionado à sua recepção na faculdade?”. As respostas foram analisadas em cinco categorias temáticas. A maioria narrou que há muito desconforto causado pelo trote. Naturalizaram estes episódios e disseram que a hierarquia existente na Medicina sustenta esse tipo de tratamento. **Conclusão:** Essa posição hierárquica respalda e perpetua a relação de superioridade promovida pelos veteranos.

Palavras-chave: agressão; educação de graduação em medicina; hierarquia social; violência; indicadores de desenvolvimento sustentável.

INTRODUÇÃO

Os trotes são movimentos universitários em que os veteranos submetem os calouros a um conjunto de provações como ritual de iniciação, mas que cada vez mais vêm se manifestando muito mais como exercício de poder, que como atividade de integração¹⁻⁵. Há imposição pela força física e pela humilhação de um conjunto de regras em que os mais novos devem deferência e submissão aos mais velhos⁶⁻⁸.

Nestas circunstâncias não é possível associar o trote com os princípios da educação superior e da liberdade de expressão dos indivíduos que participam dessa comunidade^{9,10} constituindo-se em um “currículo oculto” nas escolas de Medicina. O currículo oculto é “um conjunto de tradições, valores, normas, regras, rotinas que não estão escritas em nenhum documento da escola, mas que são transmitidas, conscientemente ou inconscientemente, entre professores e estudantes, e entre estudantes e estudantes, e que podem gerar tanto um ciclo virtuoso quanto um ciclo vicioso de atitudes e ações que podem marcar o corpo e a alma dos estudantes durante o período escolar, ou para o resto do tempo de vida fora da escola”¹¹.

Desde 2010, um grupo de docentes e estudantes vem “bulindo com a universidade” e estudando o trote na Medicina^{12,13}. Esse estudo revelou as relações hierárquicas e de poder existentes entre os estudantes em um curso de graduação de Medicina. Os resultados desta pesquisa desencadearam medidas que foram adotadas pela diretoria da Faculdade de Medicina do ABC (FMABC).

Como citar este artigo: Akerman, Conchão. Cultura do trote universitário: desafios que permanecem. *ABCS Health Sci.* 2020;45:e020029. <https://doi.org/10.7322/abcshs.45.2020.1451>

Recebido: 21/01/2020

Revisado: 24/03/2020

Aprovado: 12/10/2020

Autor para correspondência: Marco Akerman – Faculdade de Saude Publica, Universidade de São Paulo – Avenida Dr. Arnaldo, 715 – Cerqueira César – CEP: 01246-904 – São Paulo (SP), Brasil – E-mail: marco.akerman@gmail.com

Declaração de interesses: Nada a declarar



This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License

© 2020 Akerman & Conchão

Na mesma linha de ação, a sociedade civil, e muitas outras Instituições de Ensino Superior (IES), vêm adotando medidas de prevenção e controle do trote violento, por exemplo, a realização de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) após denúncias de estudantes da Faculdade de Medicina da USP; protestos de Conselhos de classe; responsabilização por parte dos diretores de faculdades das atividades de recepção do estudantes; formação de grupos de pesquisa sobre o trote; indignação da sociedade civil expressa na mídia sobre o fato de que o trote ocorria justo em profissões com a nobre missão de cuidar¹⁴.

Apesar de todo este movimento, “levantamos a hipótese de que estas violações vão diminuir de intensidade em um primeiro momento, mas que recrudescerão ao longo do tempo, na medida em que vão se apagando as manchetes e reacendendo a força das tradições”¹⁵.

RELATO

Esse artigo analisa que mudanças foram produzidas, quando uma turma de novos ingressantes é recebida por veteranos do sexto ano que vivenciaram nos últimos seis anos um conjunto de intervenções na cultura do trote efetuadas na FMABC.

A partir de uma denúncia sigilosa, a FMABC, em 2010, apoiou e defendeu a turma de ingressantes daquele ano contra os trotes violentos adotando medidas punitivas, preventivas e promocionais no âmbito de toda a Faculdade. Estes estudantes da turma de 2010 se tornaram os “veteranos” que receberam os novos ingressantes em 2015. Nossa expectativa ao longo de todos estes anos era que não haveria trote violento nesta recepção de 2015, pois, a turma que corajosamente quebrou o silêncio dos abusos cometidos no trote em 2010, finalmente em 2015 recepcionaram os(as) ingressantes.

Como captamos as percepções da turma de ingressantes?

Os novos ingressantes no curso de Medicina da FMABC fizeram uma narrativa escrita desencadeada pela seguinte pergunta: “o que você viu, viveu e sentiu relacionado à sua recepção na faculdade?”.

Esta narrativa foi produzida pelos estudantes, em maio de 2015, antes do início de uma aula sobre “Humanização” que foi ministrada pelos dois autores deste artigo. Cada estudante recebeu uma cartela e teve tempo para escrever sua percepção de como foi sua recepção na Faculdade. Do total de 110 novos ingressantes, 89 elaboraram suas narrativas, sendo 61 mulheres e 28 homens.

O que captamos das narrativas?

De um modo geral, encontramos que:

- A palavra “hierarquia” aparece com frequência em torno de 70% das narrativas;

- 28 ingressantes disseram que está tudo bem e não houve problema algum;
- 61 apontaram problemas na recepção;
- Dos 28 homens que responderam, 18 (64%) relataram algum desconforto com a recepção;
- Das 61 mulheres que responderam, 43 (70%) relataram algum desconforto com a recepção.

As narrativas foram analisadas em cinco categorias: “1. o que está acontecendo?”; “2. o que melhorou?”; “3. o que se manteve?”; “4. “ovo da serpente: desafios que permanecem; “5. algo novo?”.

DISCUSSÃO

1) O que está acontecendo?

Muitos(as) chegam esperando o pior, mas é frequente a afirmação de que a recepção num primeiro momento foi acolhedora. Mesmo novatos que defendem que tudo foi perfeito citam que há casos isolados de trotes abusivos.

“Na ‘festa de recepção’ dos calouros vi gente apanhando de veterano, vi veterano jogando bebida na cabeça de calouro sem motivo nenhum”.

“O meu maior medo de entrar em uma Faculdade era o trote. Por isso, entrei muito preocupada. Mas me surpreendi, os dias de recepção foram cheios de dinâmicas divertidas... porém, depois de alguns dias, e até hoje, a minha sala recebe muitas broncas da Atlética”.

Mídia e cursinho passam ideia de que há perversidade na recepção na Faculdade. Mas na FMABC, a Comissão anti-trote é apresentada logo de início demonstrando a preocupação da atual Diretoria:

“As mídias e até mesmo o cursinho nos mostram o quão monstruoso seria a recepção ao entrar numa faculdade, no entanto, foi o oposto, mostraram respeito e nos deixaram a vontade “na casa deles” que também seria a nossa... foi apresentada a Comissão anti-trote, uma verdadeira peculiaridade da FMABC”.

“A preocupação com os calouros por parte dos docentes, da Diretoria ou alunos é realmente diferente na FMABC. Talvez pelo histórico antigo de trote, hoje existe uma tentativa grande para diminuir a hierarquia que pode se tornar ofensiva entre os anos”.

“Pude notar um grande esforço de professores e de diversos alunos em nos acolher, conhecer, integrar, e ajudar nesse processo de transição”.

Novatos e novatas são muito bem recepcionados(as). Várias atividades foram organizadas para a recepção. No dia da apresentação das entidades estudantis passaram a imagem de uma escola diferenciada e acolhedora, mas no passar dos dias e das atividades, persiste o clima de opressão, imposições e desrespeito. Forçam obediência e a gostarem de tudo que é falado e apresentado:

“O pior que vejo acontecer é o desejo de que todos tenham a mesma visão: comprometimento 100% e prioridade para as atividades ‘prediletas’”.

“Me senti muito bem acolhido, contudo, nos dias que se passaram a Atlética começou a pressionar com os treinos e com a obrigação de usar as roupas da faculdade”.

De qualquer forma, mesmo de modo sutil há intimidação por parte de poucos que se acham no direito de pressionar e de dar broncas, e alunos(as) criam táticas de nunca andarem sozinhos para evitar abordagens desagradáveis de veteranos. Ou seja, num primeiro momento é “pintado um quadro de que tudo é lindo”, mas logo depois, parece que caem as máscaras. A hierarquia vai surgindo e tomando forma. Aliás, a palavra “hierarquia” aparece em 70% das narrativas. Resquícios de um passado muito pior ainda interferem sobre a liberdade de cada um:

“No dia da apresentação dos órgãos (1º dia), voltei para casa achando que tinha entrado em uma escola de medicina diferenciada, em que eu ia ser acolhida por todos. Mas logo na primeira festa percebi que isso era uma ilusão”.

“Pude perceber que a hierarquia continua muito presente na Faculdade, e isto pode levar a uma visão ruim das pessoas que não aceitam se submeter às tradições do curso de medicina da FMABC”.

“Eu me sinto prejudicado e desconfortável em ir contra essas tradições. Acho que o trote da FMABC se dá nessa opressão e desrespeito com as liberdades do calouro. Quero treinar, mas quero que nosso horário seja respeitado”.

A indignação de alguns novatos(as) é visível diante de situações de opressão e por mais que alguns resistem e conseguem dizer “não”, estes, percebem o que fazem com os outros:

“O que me faz não me ofender é que não estou em nenhum esporte, não vou às festas, não venho todo dia com a roupa da Faculdade e frequento os cursos das Ligas, e ninguém, ninguém mesmo veio reclamar diretamente comigo. Até o contrário, conheci muitos veteranos legais, dispostos a ajudar e nada prepotentes,

mas o trote existe de maneira discreta porque existem aqueles que querem se mostrar superiores”.

“A festa de recepção dos calouros foi uma experiência boa pra mim particularmente, mas vi gente apanhando de veterano, vi veterano jogando bebida na cabeça de calouro sem motivo nenhum”.

Clamam por respeito às individualidades, principalmente que respeitem as diferentes condições sociais e econômicas que são muito distintas. E, talvez por isso, houve atitudes de cuidado e solidariedade na festa, e por parte da Atlética, ao calouro que usa aparelho auditivo. Entretanto, as unhas pintadas e maquiagens das novatas continuam incomodando alguns veteranos que não respeitam escolhas individuais.

Continua a forte pressão para que participem mais, sempre mais e realizem atividades. Por outro lado, muitos novatos(as) entendem que isto é um método para integrá-los(as). Muitos alunos(as) se sentem prejudicados(a) em perder as aulas para cumprir com o intenso cronograma dos treinos.

“Acho que a opressão da hierarquia muito pior pra mim, é ter que acatar e aceitar calada atitude como ser obrigada a fazer parte de todos os esportes porque veteranos mandaram faltar em aulas e até provas para ir ao treino. Muitas vezes chego em casa e só tenho vontade de chorar”.

“O atraso para as aulas causadas pelos treinos é justificado como o mesmo discurso: ‘eu também chegava atrasado em todas as aulas e você deve chegar também’”.

Muitos ainda veem o calouro como inferior e isso, ao contrário de facilitar a integração, prejudica a inclusão dos novatos(as). De modo pejorativo são chamados de “calouro de merda” ou “calouro folgado” e, muitos veteranos prometem futuro sem sucesso se não obedecerem a todas as regras e ordens que são dadas.

“Essa situação tem me incomodado muito, pois, acredito que devemos ter a liberdade de seguir ou não as tradições da faculdade e acredito que a minha decisão em relação a isto não influenciará no meu exercício profissional, no entanto, não é isso que uma parte dos veteranos pensa.”

O fato é que “alguns” continuam impondo cobranças e obediência sem sentido, em nome de uma tradição: “sempre foi assim”. Mesmo que às vezes a hierarquia é “muito chata”, como descrevem, os ingressantes aprendem que devem ser respeitadas, porque sempre foi assim. A justificativa dos que ditam as tradicionais normas é que isto vai fazer com que eles amem a Faculdade como os veteranos a amam:

“Sinceramente, o que nos é vendido como tradição tem uma boa dose de lavagem cerebral. Eu perfeitamente sou capaz de amar a faculdade sem necessariamente estar disposta a me enquadrar num sistema que não faz sentido para mim”.

“... o respeito à hierarquia é levado bem a sério, mesmo um pouco chato, isso vai fazer com que eu ame a Faculdade como eles amam”.

“Fiquei feliz por ter ingressado na Faculdade e por ter sido bem recebido pelos professores e alguns veteranos. Há algumas tradições que sofremos certa pressão para segui-las, sendo elas legais ou não”.

Quem entra mais tarde fica meio perdido no começo, mas sofre menos tensão ou pressão própria do início:

“Não estive presente na recepção dos calouros de 2015. Entrei em março e no meu primeiro dia de aula fui recebido, por alguns alunos da minha sala. Alguns me ofereceram matéria, outros me ajudaram no laboratório..., mas ontem mesmo deram uma bronca na sala, dizendo que nós devemos respeitá-los como nossos pais e aceitar a hierarquia da faculdade... acho que esse tipo de pensamento é muito arcaico.”

Sabiam que jogaríamos luz na recepção deste ano:

“Apesar do discurso de que o nosso 6º ano é bastante revolucionário e buscou acabar com o trote pesado, a cada dia eu percebo que as ‘tradições’ continuam na faculdade e muitas delas servem para nos deixar numa posição de inferioridade e opressão. No começo foi tudo muito bom”.

2) O que melhorou?

Diversas atividades de recepção muito bem organizadas e animadas. Existem veteranos(as) atentos(as), conscientes e muito preocupados(as) com o bem estar dos calouros(as), até por terem vivido esta história e, que agora estava na responsabilidade maior deles (deste grupo). E por outro lado, novatos conscientes de seus direitos:

“Acho que o trote aqui já foi mais pesado, e alguns veteranos mais velhos, até mesmo formados, sentem falta disso, de se imporem. Mas em nenhum momento me senti obrigada a fazer algo que não queria”.

Um grupo no Face Book já funcionou antes mesmo da matrícula e ajudou os alunos(as) novos(as) nos contatos com a Faculdade: quem procurar, onde morar, onde comprar, etc. Existe preocupação de docentes e de alunos(as) veteranos(as)

neste momento de tensão na comunidade acadêmica, para diminuir a força da hierarquia que pode se tornar ofensiva se “correr solta”.

Alunas que desde o começo tem convicção de que não vão e não querem participar, firmes, estas não sofrem ameaças, mas reparam o que fazem com os outros(as):

“Ainda que eu não tenha sofrido qualquer violência, sei de amigas que foram empurradas por veteranos porque cortou uma blusa da Faculdade. Não me sinto feliz com isto”.

“... não gosto do discurso de que se você não participar não vai ser ninguém no hospital. Primeiro porque não é verdade e segundo porque o treino não é o único jeito de conhecer/ se construir na universidade. Eu gosto do treino e tal, mas esse autoritarismo me tira a vontade de participar”.

Foi colocado sabiamente que melhorar esta situação é responsabilidade de todo mundo:

“O medo existe, porque o símbolo ‘calouro’ traz por parte da faculdade um sentimento de inferioridade. Eles acreditam nisso, o que não é necessariamente verdade. No entanto, cabe a nós ficarmos atentos”.

Há preocupação, presença e a participação da Diretoria na recepção. Nas festas tem muitos veteranos(as) preocupados(as) com o bem estar de todos(as). Muitos(as) alegaram que não foram obrigados a beberem.

A consciência da necessidade de que a comunidade acadêmica precisa aliar o respeito pela Faculdade, o respeito a si e a todos(as) sem distinção. Afinal, a Medicina não é diferente, ninguém é semi-Deus, nas palavras de uma aluna nova.

Há diversas afirmações de respeito e paz na acolhida. Consciência dos direitos. Novatos com consciência de que não ser agredido ou diminuído não é coragem ou sorte e sim um direito:

“Houve sim aqueles que me receberam muito bem. Porém muitos eram aqueles que vinham até mim com a intenção de me amedrontar, de me mostrar o quão ‘lixo’ eu era por ser calouro... tive sorte em não ser agredido ou diminuído? Não se trata de sorte, se trata de um direito meu...”

3) O que se manteve?

A grande maioria chega com medo. Persiste o medo de não serem acolhidos(as), de não serem aceitos(as), de não saberem diferenciar o que é trote e o que é da tradição, de não saber compreender essa “tal hierarquia”, de não serem respeitados(as) nas suas escolhas e as ameaças continuam presentes:

“... a Atlético não é minha mãe nem minha diretoria para mandar em mim e exigir que eu me cale frente aos abusos que eles cometem. Eu sei que esse trote é leve, mas a partir do momento que eles ameaçam meu internato e me mandam calar a boca perante todos, eles não merecem meu respeito”.

“Vale lembrar, que pessoas de turmas já formadas na FMABC que estavam presentes na festa de recepção, por determinados momentos passaram dos limites com brincadeiras desnecessárias, mas nenhum ato considerado exagerado ou extremamente desrespeitoso”.

Persistem os discursos de que o ruim é bom, onde afirmam que a hierarquia é necessária e é o que há de melhor e normal nesta área. Alunos(as) procuram seguir a ordem e a tradição de forma amigável para aderir ao espírito de grupo.

“No geral, apesar do receio, sou tranquilo na Faculdade. Procuo seguir as tradições de forma amigável e respeitosa para poder aderir no ‘espírito’ do processo”.

Mantém uma tradição que parece não possuir sentido concreto para muitos que estão chegando e também a ideia de que fizeram com eles e agora farão com os novatos(as). Os meninos parecem levar mais broncas, além de terem que pagar as choppadas, são forçados a comprarem mais bebidas e comidas para os veteranos.

“Acredito que haja uma cobrança maior no seguimento das tradições para com os meninos. Eles levam mais broncas e tem cobranças mais sérias. Acho que essas pessoas ainda são reflexos dos trotes antigos”.

Há relação de amor e ódio com os veteranos. Novatos(as) que se sentem felizes ao entrar na Faculdade, mas muitos com o tempo vão se sentindo diminuídos(as), retraídos(as), táticas para que calouros se sintam “lixo” diante dos mais velhos. Muitos(as), ainda, optam pelo silêncio quando são abusados.

“Em uma das festas um veterano me mandou sair de onde eu estava porque ali eu estava incomodando-o, e fez isso de maneira bem desrespeitosa. É uma relação de amor e ódio com os veteranos”.

“Fomos instruídos a ‘não responder’ o que um veterano nos fala, mesmo que não gostemos ou não concordemos. Devemos, portanto, ficar em silêncio”.

E mesmo, após múltiplas tentativas de intervenção na cultura do trote persistem os episódios de abuso:

- Entradas diárias de veteranos(as) na sala de aula para convocar alunos(as) para as seletivas e reafirmar, por meio de broncas, a necessidade do respeito à hierarquia e da participação no esporte;
- Quem não gosta de festas e esportes são pressionados(as) e inferiorizados(as). Ameaçam o futuro dos novatos(as) de que se não participarem das festas terão problemas na faculdade, lá na frente no internato e residência;
- Comportamentos abusivos nas festas como práticas de veteranos baterem em calouro; dar broncas e jogarem bebidas nas cabeças dos novatos. Houve relatos de práticas de forçar a ingestão de álcool;
- Preconceitos expressos em práticas de racismo (até por professores);
- Pressão para que participem de todos os esportes e treinos e que cheguem atrasados nas aulas;
- Veteranos impondo de forma machista obrigações de que as ingressantes “devem” ir a todas as festas, dar dinheiro, usar roupas, cabelos, esmaltes e maquiagens como e quando eles mandarem;
- Devem aprender e cantar os hinos e torcer compulsoriamente. Continuam querendo impor e manter uma tradição da faculdade em nome do amor pela instituição;
- Ameaçam e não admitem que falem aos treinos para participarem de ligas, simulados de histologia ou monitoria de anatomia, além de tratarem todos os calouros(as) com ar de superioridade e grosseria;
- Os novatos(as) são instruídos a não responderem ao que um veterano fala;
- A Atlético continua como órgão condutor desta manutenção da desigualdade entre veteranos e calouros.

4) “Ovo da serpente”: desafios que permanecem

Aqui nos valem da expressão clássica usada na peça Brutus de Shakespeare: em um dos diálogos, Brutus, senador romano, fala da conspiração que depois levaria ao assassinato do imperador romano Júlio César. Brutus justifica que se César crescesse mais se tornaria uma grande ameaça pois seria como o ovo de uma serpente, e aconselhava matá-lo ainda na casca.

Como dissemos no início do artigo, havia uma grande expectativa de incidirmos de maneira potente sobre o trote abusivo. Há indícios nas categorias, acima, analisadas de que houve alguma inflexão no movimento abusivo dos trotes. Entretanto, a lógica da hierarquia médica, reproduzida entre os estudantes, não foi alterada, é e, ainda, bastante naturalizada.

A imagem deste ovo consagrada, pelo cientista Hans Vergerus, no filme “Ovo da Serpente” de Ingmar Bergman reforça o fato de que o trote pode ter voltado a ser um embrião, mas está pronto de novo para vir a luz, pois no ovo de uma serpente é possível através das finas membranas se identificar claramente o réptil já perfeito.

A violência existe de maneira muito discreta, tão sutil que muitos não percebem que são vítimas desta violência, bem organizada,

estruturada e naturalizada neste cotidiano. Denominada ou disfarçada de “tradição”:

“Não houve nenhum tipo de violência, mas algumas vezes essa pressão para fazermos tudo que é uma tradição não foi boa. Ninguém deveria ser pressionado a nada”.

“Não houve violência, apesar de haver uma rígida hierarquia entre os estudantes da Faculdade, que faz com que alguns veteranos exagerem nas brincadeiras e cobranças”.

Há quem afirme que não há trote na FMABC, que existe uma hierarquia, mas que é normal, uma demonstração de amor e respeito pela Faculdade e sua história e que agem de forma impositiva para despertar o mesmo sentimento nos novatos(as). Práticas abusivas estão mais escondidas:

“Eles nos pressionam para realizarmos atividades na faculdade, mas creio que seja para nos integrar como um todo. Eles intimidam um pouco, mas são poucos”.

“Vi pessoas da minha própria sala por acreditarem que a hierarquia é o que há de melhor (talvez por quererem ser assim no futuro) agirem de maneira piamente cega e na submissão (talvez, até com receio de retaliações). Mas talvez para eu seguir as minhas atividades médicas na Faculdade seja necessário passar por isso”.

5) Algo novo?

Chegaram e já souberam que o 6º ano de 2015 era a turma que denunciou o trote pesado e buscou acabar com ele junto à Diretoria desde então. Conhecida como a turma “revolucionária”:

“Nossos veteranos pareciam estar bem conscientizados da proibição do trote na Faculdade e por isso procuraram realizar atividades recreativas com a sala”.

Parecem que os ingressantes chegaram mais críticos, contestadores, com menos medo e conscientes de que suas opiniões e escolhas têm valor e devem ser respeitadas:

“Não concordo e não concordarei em ‘aprender’ com pessoas que pensam desta forma opressora e espero encontrar outras pessoas que pensam como eu quando eu precisar de ajuda, pois, o tempo me mostrou que existe e que não preciso me humilhar para esses veteranos”.

Não houve atitudes “pesadas”, além do “normal” segundo a turma nova, o que acontece são exigências quanto à necessidade de não responder aos veteranos e apenas ouvir estes, que na visão de muitos, pareciam conscientizados da proibição dos trotes na

faculdade. Nenhum ato foi considerado exagerado ou extremamente desrespeitoso.

“... não exerceram o trote de maneira abusiva porque sabem que existe uma Comissão anti-trote na FMABC.”

Indícios de mudanças ou tudo permanece na mesma após seis anos de intervenção na cultura do trote?

De modo geral, na recepção, os novatos(as) foram acolhidos como quem entra para fazer parte de uma grande família.

Ao longo dos dias, percebe-se que alguns veteranos perpetuam a tradição de imposição à hierarquia histórica que julgam normal, fundamental e necessária, o que tem pouco significado para quem acaba de chegar na Faculdade de Medicina.

Isto vai criando um clima de forte naturalização da hierarquia típica da área da Medicina nas relações de integração e recepção de alunos(as). Não percebem que o autoritarismo tira a vontade de muitos em participar mais do esporte na Faculdade.

A hierarquia que existe na Medicina sustenta esse tipo de tratamento e contribui para que esta relação de superioridade promovida pelos veteranos e os já formados pela Faculdade, e permanecerão veteranos para sempre.

Órgãos como o DA (Diretório Acadêmico), a IFMSA (*International Federation of Medical Students Association*) que tem uma sucursal na FMABC e o Departamento de Assistência e Previdência (DAP) não reforçam muito a hierarquia entre os estudantes e criam oportunidades de participação mais inclusivas e menos autoritárias que o sistema de recrutamento e seleção da Atlética.

Quem sabe dizer um “Não” bem dito e compreende que para ser médico(a) não precisa se submeter à estas situações, desde o começo é respeitado(a). E os que se sentem respeitados(as) dizem que vão reproduzir a forma como foram acolhidos(as) futuramente.

Apesar de alegarem desconfortos, muitos(as) não vêem a pressão e as broncas como forma de violência.

A Atlética continua com a necessidade de afirmar e demonstrar sua força em competir com os outros órgãos alegando a importância da manutenção de uma tradição histórica e utiliza a ideia de que o “dever” de fazer esporte será a porta de sucesso para a residência se configurando para os novatos(as) como uma pressão psicológica.

Alguns calouros entendem que a conduta muitas vezes impositiva da Atlética se justifica por ser um órgão da Faculdade onde os veteranos se dedicam muito e por isto esperam o reconhecimento, respeito e participação dos novatos(as).

CONCLUSÃO

Parece não haver trote com a mesma agressividade de antes e as pessoas não estão sendo obrigadas a participarem quando não

querem, mas há segregação quando isso acontece e o recado é que isso poderia ameaçar o futuro destes novatos(as).

Por fim, é perceptível algumas mudanças, até porque, nada do que fizemos nestes anos foi em vão, e vamos continuar a nossa cruzada contra o trote, porém, com uma outra roupagem, as relações assimétricas de poder continuam organizadas, estruturantes e presentes no cotidiano da Medicina na FMABC.

Num contexto o qual, algumas pessoas da comunidade acadêmica, minimizam a importância disto alegando normalidade e outras, como nós, insistem em apontar os efeitos, o incômodo, as dores, o medo e o sofrimento que ainda percorrem os corredores da nossa escola e silenciam o que há de mais perverso nas relações humanas: a perpetuação das desigualdades e da injustiça social que limita a liberdade, o direito e o potencial criativo e de participação das pessoas.

REFERÊNCIAS

1. Almeida Júnior AR. Anatomia do trote universitário. São Paulo: Hucitec, 2011.
2. Almeida Júnior AR, Queda O. Universidade, Preconceito e Trotes. São Paulo: Hucitec; 2006.
3. Fonseca AA. A estratégia da dominação. Trote universitário favorece a lógica de opressão social. *J Lab Curso Comunicação Social*. 2002;(199).
4. Segre M. Trote violento contra calouros universitários. *Interface (Botucatu)* 1999;3(5):121-2. <https://doi.org/10.1590/S1414-32831999000200011>
5. Marin JC, Araújo DCS, Espin Neto J. O trote em uma faculdade de medicina: uma análise de seus excessos e influências socioeconômicas. *Rev Bras Educ Med*. 2008;32(4):474-81. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022008000400010>
6. Scalisa F. A face oculta da medicina: sessão opinião. Folha São Paulo. 2014.
7. Lima MCP. Sobre trote, vampiros e relacionamento humano nas escolas médicas. *Rev Bras Educ Med*. 2012;36(3):407-13. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022012000500016>
8. Akerman M, Conchão S, Hotimsky S, Boaretto R. Violência e intimidação na recepção aos calouros nas faculdades de medicina: ato que persiste ao longo do ano. *Rev Bras Educ Med*. 2010;34(4):627-8. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000400020>
9. Vidal EIO, Silva VS, Santos MF, Jacinto AF, Villas Boas PJF, Fikushima FB. Why medical schools are tolerant of unethical behavior. *Ann Fam Med*. 2015;13(2):176-80. <https://doi.org/10.1370/afm.1763>
10. Ribeiro RJ. O trote como sintoma: a dor de lidar com a dor alheia. *Interface (Botucatu)*. 1999;3(5):153-60. <https://doi.org/10.1590/S1414-32831999000200020>
11. Akerman M. "Currículo oculto": há que se evidenciar ainda mais a sua associação com preconceitos, abusos, humilhações, e violências nas escolas médicas. Cartilha DENEM. 2015;9-11.
12. Akerman M, Conchão S, Boaretto RC. "Bulindo" com a universidade: um estudo sobre o trote na medicina. São Paulo: Hucitec, 2012.
13. Akerman M, Conchão S, Boaretto RC. "Bulindo" com a universidade: um estudo sobre o trote na medicina. 2 ed. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.
14. Akerman M, Scalisa F, Akerman J. Para enfrentar os trotes e violências nas universidades: o que falta? *Interface (Botucatu)*. 2015;19(54):421-25. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0426>
15. Akerman M, Conchão S, Boaretto RC, Fonseca FLA, Pinhal MA. Revelando fatos, sentidos, afetos e providências sobre o trote em uma faculdade de medicina: narrativa de uma experiência. *Rev Bras Educ Méd*. 2012;36(2):249-54. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022012000400014>